MASP ACESSIBILIDADE

CADERNO DE FONTE AMPLIADA

HISTŌRIAS LATINO-AMERICANAS

Textos da exposição em fonte ampliada

Núcleo - Retórica do progresso

Português

MASP MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND

Lei Rouanet

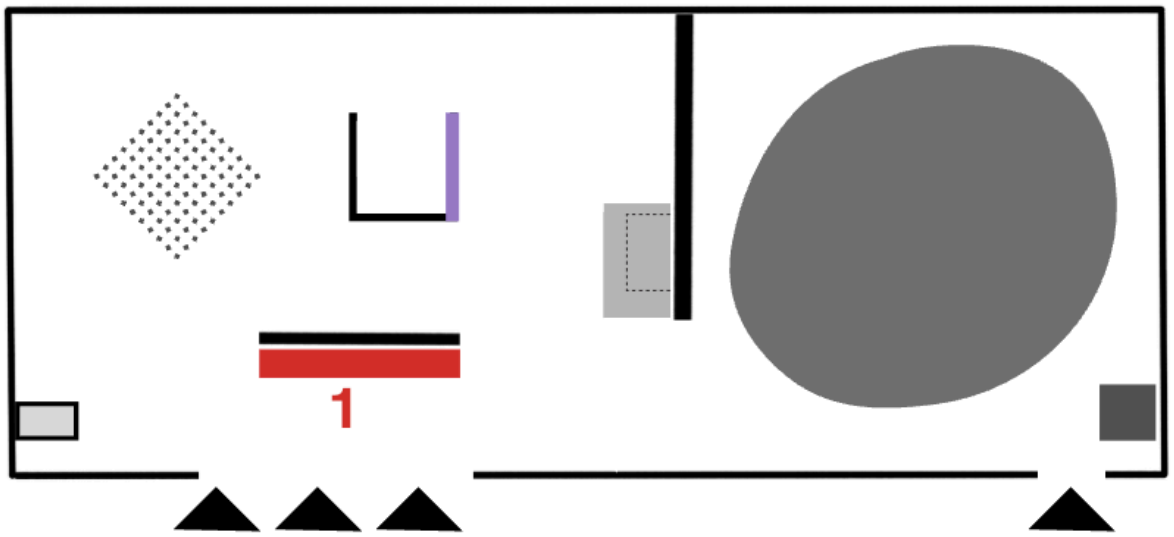
vale+ cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Este caderno traz os textos da exposição em fonte ampliada para facilitar a leitura.

Mapas simplificados apontam, **em destaque**, onde estão os textos e obras mencionados.



O caderno apresenta os textos longos da exposição na ordem em que aparecem no espaço, além da lista de artistas em ordem alfabética.

SUMÁRIO - GALERIA PIETRO 5

MAPA DO ESPAÇO **4**

TEXTO DE APRESENTAÇÃO **5**

RETÓRICA DO PROGRESSO **11**

Juan O’Gorman 15

1. CIDADE LETRADA **17**

2. Gabriel Sierra 20

3. Detanico Lain 22

4. Mariana Castillo Deball 24

5. Claudia Andujar 26

6. Lucio Costa 28

7. Clara Ianni 30

8. Juan Araujo 32

9. Marcelo Cidade 34

1. PARQUE INDUSTRIAL 36

2. Ana Mercedes Hoyos 39

3. Leon Ferrari 41

4. Alexander Apóstol 43

5. Alessandro Balteo-Yazbeck 45

6. Mauricio Lupini 47

7. Claudia Martínez Garay 50

8. Leopoldo Méndez 52

9. Leon Hirzman 54

10. Asociacíon de artistas populares de Sarhua 56

11. Jorge Bodanzky 58

12. Doris Salcedo 60

13. Seba Calfuqueo 62

14. Djanira da Motta e Silva 65

15. Lola Álvarez Bravo 67

LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA 69

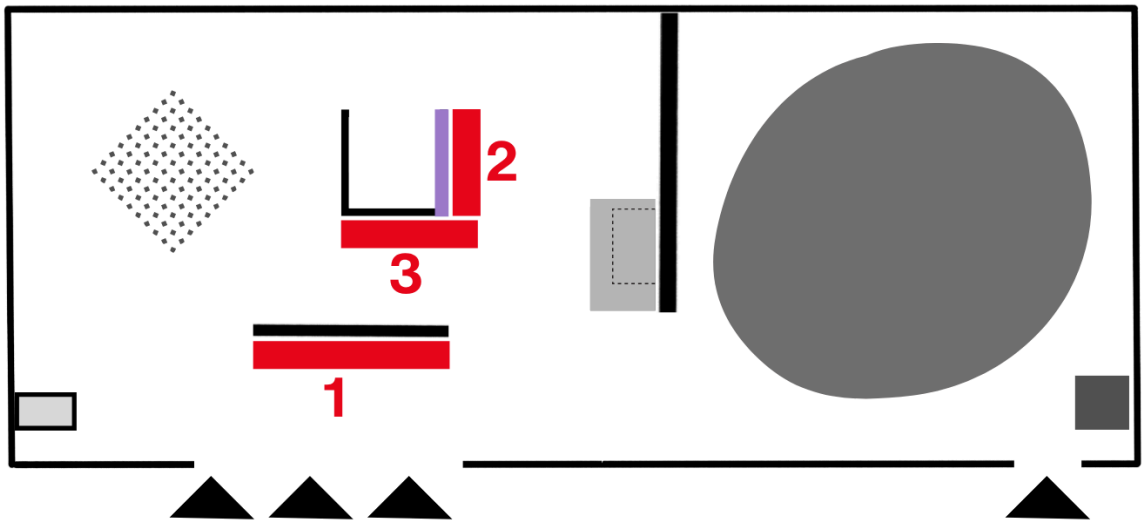
Entrada

Parede roxa

1 Texto de apresentação

2 Texto Retórica do progresso

3 Juan O'gorman



[Descrição do espaço em áudio e Libras]

1. TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Histórias latino-americanas

Antes de nomear uma região, uma identidade ou uma comunidade de origem ou de destino, “América Latina” nomeia territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas — uma zona de disputas políticas, culturais e simbólicas marcada por invasões coloniais, movimentos de independência, modernizações autoritárias e lutas indígenas, negras, feministas e ecológicas. Consolidada no século 19, a noção designa o México, a América Central, parte do Caribe e a América do

Sul, onde predominam línguas de origem latina, sobretudo o espanhol e o português. Pensar a América Latina é, portanto, lidar com uma ideia instável. Histórias latino-americanas parte dessa instabilidade: não busca uma síntese totalizante, nem pretende fixar uma definição do que a América Latina significa. A exposição olha para o passado e o presente, perguntando como a região foi e continua sendo inventada, disputada e reinventada. Ocupando os cinco andares expositivos do Edifício Pietro, a mostra reúne 192 obras de 152 artistas, provenientes de 20 países. A seleção abrange a América Latina e suas diásporas,

além de contextos historicamente conectados à região. O conjunto articula obras do acervo do MASP com empréstimos de museus e coleções públicas e privadas do Brasil e do exterior. Em vez de organizar a arte latino-americana por escolas nacionais, movimentos ou sequências cronológicas, a mostra adota uma estrutura temática e produz encontros entre tempos distintos: objetos pré-coloniais convivem com produções contemporâneas, imagens devocionais e religiosas com obras conceituais, documentos e cartografias com pinturas, fotografias e vídeos. A exposição está organizada em cinco núcleos, cada um

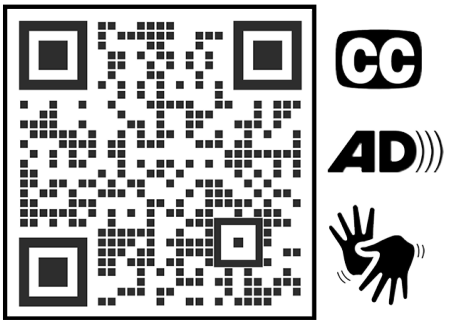
ocupando um dos andares do Edifício Pietro. O mundo ao revés, no 6º andar, examina a invasão europeia das Américas e o papel das imagens na descrição, classificação e administração colonial dos territórios. Retórica do progresso, no 5º andar, trata dos projetos de modernização e industrialização e das promessas de racionalidade que produziram fábricas e cidades planejadas, mas também desigualdades e violências. Sociedades americanas, no 4º andar, volta-se para formas de vida coletiva e imaginação política, retomando tradições pedagógicas e emancipatórias e experiências de organização comunitária. Estamos en

salsa, no 3º andar, percorre as rotas de circulação de sons, mercadorias e imagens, além das migrações e diásporas que transformaram culturas latino-americanas. A queda do céu, no 2º andar, parte do pensamento indígena contemporâneo para refletir sobre o esgotamento das utopias modernas e reúne trabalhos em torno da tecnologia, da ecologia e do sonho diante da devastação produzida pela ideia de progresso. Histórias latino-americanas apresenta a região como um território de conflito e criação, cujas histórias, feitas de fraturas, sobreposições e persistências, continuam a ser produzidas e disputadas no presente.

Histórias latino-americanas é curada por Amanda Carneiro, curadora, e Julieta González, curadora adjunta de arte moderna e contemporânea, com assistência curatorial de Teo Teotonio, assistente curatorial. A exposição integra o ano dedicado às Histórias latino-americanas, que também inclui mostras individuais de Carolina Caycedo, Claudia Alarcón & Silät, Coletivo Acciones de Arte, Damián Ortega, Jesús Soto, La Chola Poblete, Manuel Herreros de Lemos e Mateo Manaure Arilla, Pablo Delano, Rosa Elena Curruchich, Sandra Gamarra Heshiki, Santiago Yahuarcani e Sol Calero,

bem como mostras na Sala de Vídeo de Clara Ianni, Claudia Martínez Garay, Edgar Calel, Oscar Muñoz e Regina José Galindo.

Texto de apresentação em áudio e Libras



2. RETÓRICA DO PROGRESSO

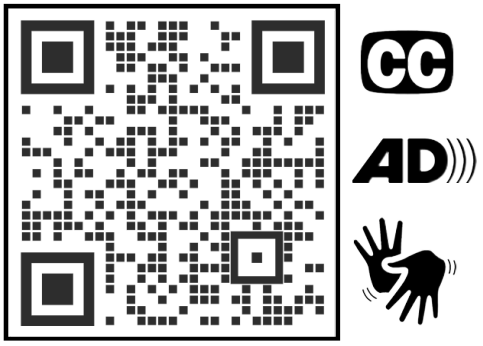
Poucas ideias moldaram tão profundamente a América Latina do século XX quanto o progresso e o desenvolvimento. Urbanização e

industrialização foram apresentadas como caminhos para superar a dependência econômica. Fábricas, rodovias, represas, conjuntos habitacionais e novas capitais foram concebidos como instrumentos para construir a promessa de um futuro próspero e ordenado. Esse programa atualizou a lógica que o escritor uruguaio Ángel Rama chamou de “cidade letrada”: o sistema pelo qual, desde o período colonial, o poder organizava o território e a sociedade pela autoridade da escrita; no desenvolvimentismo, essa função passou às linguagens técnicas de arquitetos, engenheiros, economistas e burocratas.

Cidade e fábrica constituíram as duas frentes desse imaginário: a primeira projetava a ordem social desejada; a segunda deveria produzi-la pelo trabalho. O futuro parecia passível de cálculo e construção. A modernização, porém, definiu quem deveria conduzi-la e quem suportaria seus efeitos — projeto que as ditaduras da segunda metade do século levaram ao extremo: as remoções, a exploração do trabalho e a desigualdade inscrita no próprio espaço acompanharam empreitadas celebradas como sinais de avanço. Trabalhadores, artistas e movimentos sociais organizaram outras leituras do progresso. Neste andar, uma

janela aberta traz São Paulo para dentro da exposição: a metrópole que o desenvolvimentismo ergueu expõe a distância concreta entre a cidade planejada e aquela que seus projetos efetivamente produziram.

Texto de núcleo em áudio e Libras



3. JUAN O'GORMAN

Cidade do México, 1905 – 1982

La Ciudad de México, 1949

Tradução: A Cidade do México

Têmpera sobre masonite – Museo de Arte Moderno, INBAL, Cidade do México

No primeiro plano da obra, um trabalhador da construção civil segura o *Mapa de Santa Cruz – circa* 1540-50 –, o mais antigo mapa urbano da Cidade do México, feito pelos *tlacuilos nahuas*, artistas e especialistas indígenas responsáveis pelo registro visual de territórios, histórias e conhecimentos. A cartografia, destinada a reivindicar, dividir e

reordenar os territórios da antiga capital asteca, é justaposta a imagens que revelam a importância desses lugares
para as populações indígenas, representadas por sinais gráficos que indicavam nomes de lugares e elementos da geografia, preservando efetivamente seu território ancestral e língua nativa sob a aparência de um documento administrativo espanhol. Ao registrar nomes de localiades nativas e a vida cotidiana ao lado da infraestrutura espanhola, os artistas *nahuas* subverteram um instrumento primordial de colonização, garantindo que a memória de seu território sobrevivesse à destruição física de Tenochtitlán.

Entrada

Parede roxa

1 CIDADE LETRADA

2 Gabriel Sierra

3 Detanico Lain

4 Mariana Castillo Deball

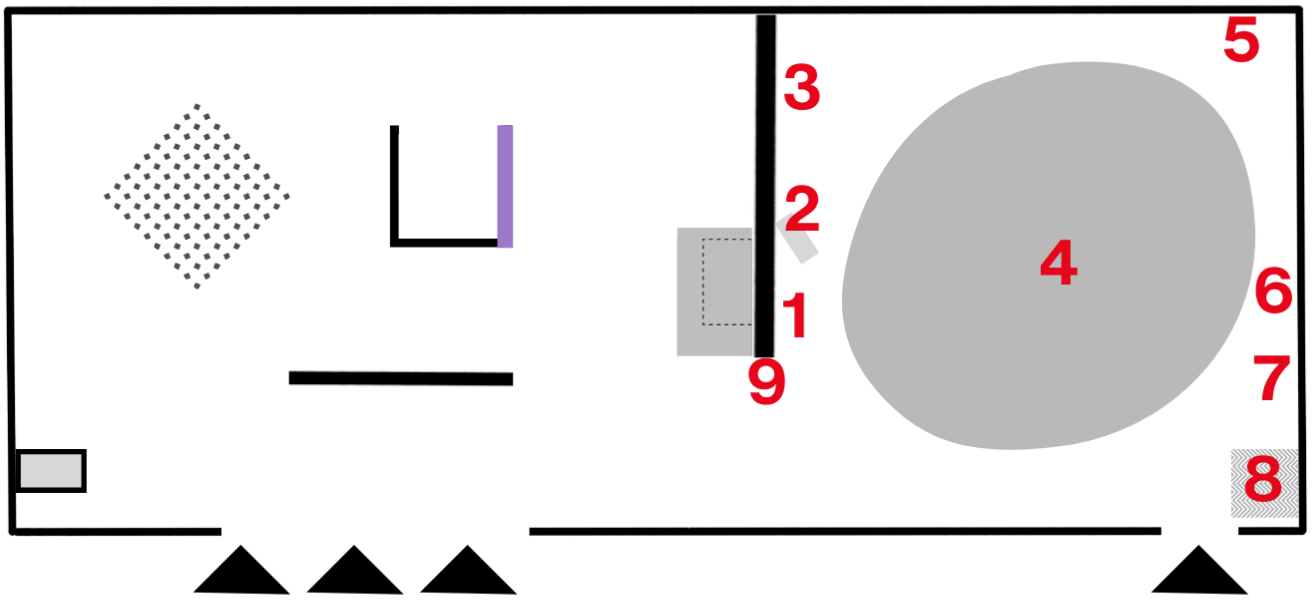
5 Claudia Andujar

6 Lucio Costa

7 Clara Ianni

8 Juan Araujo

9 Marcelo Cidade



1. CIDADE LETRADA

Na América Latina, muitas cidades nasceram primeiro no papel. Desde os traçados coloniais, mapas e planos não se limitaram a representar territórios existentes: projetaram sobre eles uma ordem política e social — operação que esta seção evoca desde o chão da galeria. No século XX, essa lógica ganhou nova escala. Arquitetos, urbanistas e burocratas converteram desenho, estatística e cálculo em instrumentos para administrar populações e antecipar o futuro.

A cidade planejada, contudo, nunca coincidiu plenamente com a cidade vivida.

Capitais modernas, conjuntos habitacionais e monumentos erguidos como imagens de integração conviveram com segregação, remoções e trabalho invisibilizado. Nas margens do plano, foram construídas outras formas de habitar as cidades. A vida excede aquilo que foi desenhado para ela.

2. GABRIEL SIERRA

San Juan Nepomuceno, Colômbia, 1975, vive em Bogotá

Telhado Rebelde, 2025

Telhas de terracota, vidro, madeira e ferragens – Cortesia do artista e Galeria Luisa Strina, São Paulo

Em *Telhado Rebelde*, a geometria da construção modernista e o material vernacular das casas populares coexistem em uma única estrutura. Ao aproximar telhas de terracota de uma composição marcada pela racionalidade formal, a obra tensiona as fronteiras entre arquitetura

erudita e construção cotidiana, colocando em diálogo projetos de modernização e formas de ocupação do espaço produzidas à margem do planejamento oficial. Assim, evidencia as negociações, adaptações e resistências que moldam a paisagem urbana latino-americana, onde a cidade idealizada convive com as transformações promovidas por seus próprios habitantes.

3. DETANICO LAIN

Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 1974 e 1973, vivem em Paris

Utopia, 2007

Impressão offset – Cortesia dos artistas e Galeria Vermelho, São Paulo

Em *Utopia*, Angela Detanico e Rafael Lain retomam a relação entre linguagem e forma urbana ao transformar o texto homônimo e fundador do filósofo e estadista britânico Thomas More – 1478-1535 – em um sistema visual no qual a escrita e a arquitetura se fundem. A tipografia digital impressa nas duas faces do pôster

justapõe elementos da cidade planejada a expressões urbanas que escapam à sua ordenação. Essa operação conceitual e formal evidencia a dimensão semiótica dos projetos urbanos, o discurso utópico que orienta sua concepção e os limites de sua realização no contexto latino-americano.

4. MARIANA CASTILLO DEBALL

Cidade do México, 1975, vive em Berlim

Nuremberg Map of Tenochtitlán, 2014

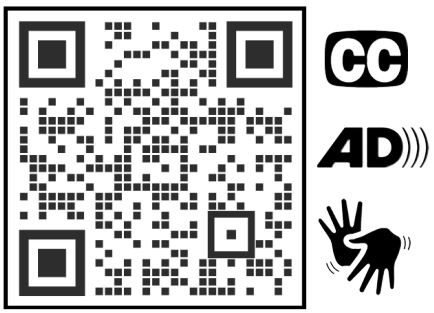
Tradução: Mapa de Tenochtitlán de Nuremberg

Piso em madeira com folha natural de ébano laminada e impressão UV sobre madeira – Cortesia da artista e kurimanzutto, Cidade do México, Nova York

A instalação que reveste parte do piso do espaço expositivo reproduz o *Mapa de Tenochtitlan*, uma das primeiras representações da antiga capital mexica após a conquista espanhola, publicado em Nuremberg, na Alemanha, em 1524. Longe de ser uma imagem neutra, o mapa transformou a

antiga capital em um território legível para os europeus e funcionou como instrumento de poder, articulando formas de representação e dominação. Ao mesmo tempo, reúne conhecimentos cartográficos indígenas, transmitidos pelos *tlacuilos* — artistas e escribas *nahuas* responsáveis pelo registro visual de territórios, histórias e conhecimentos. Ao reinscrever o documento no espaço expositivo, Castillo Deball o traz ao presente em uma escala que permite a interação corpórea, fazendo do território um lugar de sobreposição de histórias indígenas e coloniais.

Descrição da obra em áudio e Libras



5. CLAUDIA ANDUJAR

Neuchâtel, Suiça, 1931, vive em São Paulo

Sem título, da série *Rua Direita**, 1970***
Impressão com tinta pigmentada mineral sobre papel algodão – Cortesia da artista e Galeria Vermelho, São Paulo

Na série *Rua Direita*, Andujar volta sua câmera a uma das vias mais movimentadas do centro de São Paulo, em um período de intensa expansão urbana. Posicionada rente ao chão, a câmera altera o ponto de vista habitual da rua e desperta a curiosidade dos transeuntes, que interrompem momentaneamente seu

percurso para observar o dispositivo. As fotografias registram não somente uma suspensão no fluxo acelerado da cidade, como também as características daqueles que o atravessam.

6. LUCIO COSTA

Toulon, França, 1902 – 1998, Rio de Janeiro

Croquis, plano piloto para Brasília, 1957

Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão – Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília

O plano diretor de Lúcio Costa para Brasília condensou toda uma visão política em um diagrama simples: uma cidade gerada pela interseção de dois eixos. Ao usar o formato de uma cruz, Costa também faz referência ao ato dos colonizadores do século 16 de marcar novas terras com uma cruz de madeira, como um gesto fundador da

posse territorial. O urbanista utilizou esse traçado primordial para impor uma ordem institucional sobre a vastidão do cerrado, ao mesmo tempo em que adaptou sua forma à topografia local, curvando o eixo residencial em uma silhueta semelhante à de um avião. É possível ler, nesse gesto, a renovação da lógica colonial por trás da retórica do desenvolvimentismo.

7. CLARA IANNI

São Paulo, 1987, vive em São Paulo

Forma livre – Brasília –, 2013

Videoinstalação em dois canais, som, 7'14"

Cortesia da artista e Galeria Vermelho, São Paulo

Forma livre – Brasília – recupera a história de Brasília a partir do testemunho daqueles que foram excluídos de suas narrativas oficiais. Ao justapor relatos de conflitos trabalhistas e de repressão a formas consagradas da arquitetura de Oscar Niemeyer – 1907–2012 –, Ianni expõe as tensões sociais e políticas ocultas sob as

superfícies da arquitetura modernista. Brasília, concebida como símbolo de progresso e de um futuro nacional, surge na videoinstalação como inseparável das difíceis condições de trabalho e das desigualdades que marcaram sua construção.

8. JUAN ARAUJO

Caracas, Venezuela, 1971, vive em Lisboa

Brazil Unbuilds, 2009

Tradução: Desconstrução brasileira

Livro – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Centro de Pesquisa

A partir da influente exposição e publicação *Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652–1942* – Construção brasileira: arquitetura moderna e antiga, 1652–1942, organizadas pelo Museum of Modern Art – MoMA – Nova York, em 1943, Juan Araujo produz *Brazil Unbuilds* – Desconstrução brasileira – um livro de artista que, assim

como o jogo de palavras do seu título, fragmenta e transforma o documento original. O trabalho destaca o papel da fotografia, da publicação editorial e da diplomacia cultural na construção de uma imagem internacional do modernismo latino-americano. A modernidade coloca-se não apenas como forma construída, mas também como representação, arquivo e narrativa.

9. MARCELO CIDADE

São Paulo, 1978, vive em São Paulo

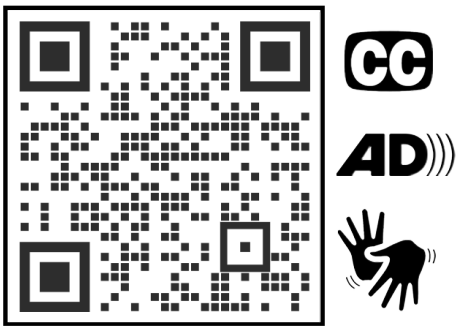
***Intramuros*, 2005**

Tijolos de cimento e cacos de vidro – Cortesia do artista e Galeria Vermelho, São Paulo

Instalada no topo do painel do espaço expositivo, *Intramuros* ressignifica a própria estrutura expográfica, transformando-a em um objeto que evoca muros e arquiteturas defensivas cada vez mais presentes nas cidades latino-americanas contemporâneas. O uso de cacos de vidro sobre os muros das casas, uma solução de

baixo custo difundida como forma de proteção, evidencia as estratégias cotidianas diante da insegurança urbana. Na obra, esse muro deslocado se impõe como uma lembrança de que as promessas da modernidade permanecem inacabadas, e suas aspirações, suspensas entre o plano e a realidade.

Descrição da obra em áudio e Libras



Entrada

Parede roxa

1 PARQUE INDUSTRIAL

2 Ana Mercedes Hoyos

3 León Ferrari

4 Alexander Apóstol

5 Alessandro Balteo-Yazbeck

6 Mauricio Lupini

7 Claudia Martínez Garay

8 Leopoldo Méndez

9 Leon Hirzman

10 Asociación de artistas populares de Sarhua

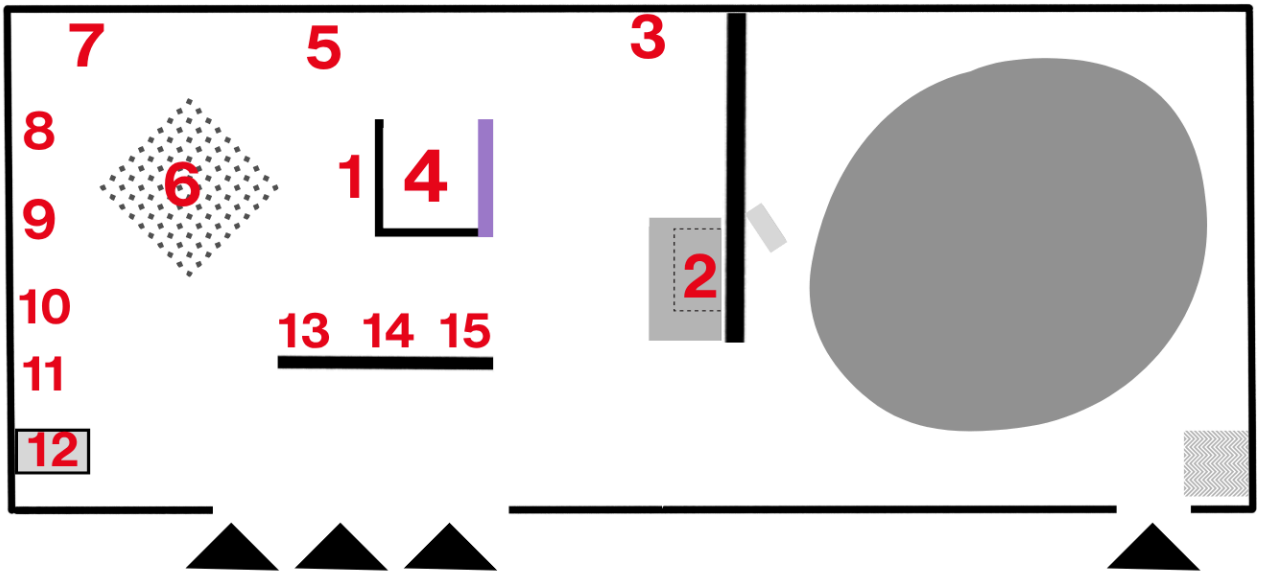
11 Jorge Bodanzky

12 Doris Salcedo

13 Seba Calfuqueo

14 Djanira da Motta e Silva

15 Lola Álvarez Bravo



1. PARQUE INDUSTRIAL

O título desta seção vem do romance que Patrícia Galvão, a Pagu, publicou em 1933. Ambientado entre operárias têxteis de São Paulo, o livro contrapôs à celebração da fábrica a desigualdade que se escondia sob a promessa de salários, direitos e ascensão que a indústria encarnava. Nas primeiras décadas do século XX, máquinas, usinas e linhas de montagem foram apresentadas como forças capazes de transformar a sociedade, e a figura do trabalhador tornou-se central nas imagens da industrialização, disputada por projetos que ora a exaltavam, ora a vigiavam.

A experiência industrial, porém, seguiu outro roteiro: jornadas exaustivas, disciplina fabril e concentração de riqueza converteram o local de produção em espaço de conflito. Greves, sindicatos e reivindicações por direitos tornaram visível que o progresso dependia de relações de trabalho desiguais. Além de espaço de produção, a fábrica foi espaço de organização e luta política.

2. ANA MERCEDES HOYOS

Bogotá, 1942 – 2014

Paisaje,1968

Tradução: Paisagem

Óleo, madeira e eletricidade – Museo de Arte Moderno de Bogotá

No final da década de 1960, Ana Mercedes Hoyos integrou uma geração de artistas colombianos que investigou novas linguagens ligadas à abstração e às tecnologias emergentes. Em *Paisaje*, a artista combina pintura, madeira e iluminação elétrica para criar uma paisagem artificial, cuja aparência se

transforma conforme a incidência da luz. Produzida em um momento de acelerada urbanização e modernização da Colômbia, a obra aproxima natureza e tecnologia, evocando o entusiasmo pelo progresso técnico ao mesmo tempo que questiona os modos como a experiência da paisagem passa a ser mediada por dispositivos e ambientes construídos.

3. LEÓN FERRARI

Buenos Aires, 1920 – 2013

Planta, 1980

Nanquim sobre papel vegetal – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista, 1991, MASP.05004

Em *Planta*, Ferrari utiliza a linguagem do desenho arquitetônico para criar uma representação crítica da cidade moderna. Realizadas com precisão quase mecânica, utilizando folhas de decalque Letraset de pequenas figuras, essas composições apresentam vias, edifícios e percursos

ocupados por pequenos elementos que repetem movimentos cotidianos, transformando o espaço urbano em um sistema de circulação e controle.
Em vez de operarem como projetos urbanos reais, as redes caóticas de rodovias e paisagens urbanas denunciam visualmente a desumanização e a supressão da individualidade. Ao aproximar a racionalidade do planejamento arquitetônico de formas automatizadas de comportamento, Ferrari questiona os ideais de ordem, eficiência e progresso associados à cidade moderna.

4. ALEXANDER APÓSTOL

Caracas, Venezuela, 1969, vive em Madri

Contrato colectivo cromosaturado, 2012

Videoinstalação em três canais, 45" –

Cortesia do artista e mor charpentier,

Bogotá, Paris

Contrato colectivo cromosaturado aborda o projeto desenvolvimentista da Venezuela, impulsionado pela prosperidade petrolífera da segunda metade do século 20. Em um trecho do vídeo, funcionários públicos encenam a negociação de um acordo coletivo, documento que estabelece salários, benefícios e condições de

trabalho, evocando os diferentes impactos dessa política sobre os grupos sociais. Ao longo do filme, luzes e paineis cromáticos fazem referência à obra do artista Carlos Cruz-Diez – 1923–2019 –, um dos principais nomes da arte cinética venezuelana. Apóstol aproxima a linguagem otimista da abstração geométrica dos mecanismos institucionais de poder, administração e controle que sustentaram esse projeto de modernização.

5. ALESSANDRO BALTEO-YAZBECK

Caracas, Venezuela, 1972, vive em Berlim

1 ***2 corrupted files from page 5,*** da série *La Vega, Plan Caracas No. 1, 1974-1976*, ***2006-08***
Tradução: 2 arquivos corrompidos da página 5

2 ***2 corrupted files from page 18,*** da série *La Vega, Plan Caracas No. 1, 1974-1976*, **2006-08**
Tradução: 2 arquivos corrompidos da página 18

Alessandro Balteo-Yazbeck investiga as relações entre modernização, poder e memória na história recente da Venezuela. Partindo de reproduções do *Plan Caracas No. 1,* projeto urbanístico concebido para a expansão da capital venezuelana, o artista

utiliza um scanner com defeito para produzir imagens “corrompidas” e de baixa qualidade. A degradação dos arquivos contrapõe o ideal de progresso inscrito nesses projetos à realidade da cidade autoconstruída, além de evocar o aspecto cosmético da arte cinética, frequentemente associada aos grandes projetos de infraestrutura do período. As imagens também aludem aos efeitos da corrupção política e administrativa que marcaram parte desses empreendimentos, muitos dos quais permaneceram inacabados ou nunca foram plenamente realizados.

6. MAURICIO LUPINI

Caracas, Venezuela, 1963, vive em Roma

1 ***Diorama Penetrable – Villanueva –, 2026***

Tradução: Diorama penetrável – Villanueva –

Páginas recortadas e coladas de três livros sobre o arquiteto Carlos Raúl Villanueva, de Sybil Moholy-Nagy – 1964 – Coleção do artista, Roma

2 ***Amarillo Nacional, 2006***

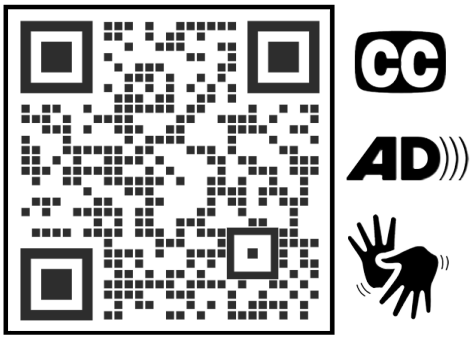
Tradução: Amarelo nacional

Película adesiva sobre piso – Coleção do artista, Roma

Em *Diorama Penetrable – Villanueva –*, Lupini retoma os Penetrables – Penetráveis – do artista venezuelano Jesús Rafael Soto, estruturas que convidam o público a atravessar a obra por meio de suas lâminas suspensas. Aqui, essas lâminas são construídas a partir de páginas de livros dedicados ao arquiteto Carlos Raúl Villanueva – 1900–1975 –. Junto a *Amarillo Nacional*, instalada no piso, a obra evoca as formas e uma das cores do Pavilhão da Venezuela na Exposição Universal de 1967, projetado por Villanueva. Ao articular arquitetura, escultura e registro impresso, Lupini recupera um marco da modernidade venezuelana e, ao mesmo tempo,

fragmenta visualmente a historiografia que a canonizou.

Descrição da obra em áudio e Libras



7. CLAUDIA MARTÍNEZ GARAY

Ayacucho, Peru, 1983, vive entre Amsterdã e Lima

Ayataki, 2022–23

Tradução: Canção para os mortos

Animação em vídeo e som, 14’40’’ – Cortesia da artista e Grimm, Amsterdã, Londres, Nova York – Comissionado e coproduzido por Artpace San Antonio and Denver Art Museum, Estados Unidos

A obra aborda a violência do conflito armado interno do Peru no final do século 20, marcado pelas forças do Estado e pela atuação da organização guerrilheira

Sendero Luminoso. O título em quéchua evoca uma tradição musical andina de luto, cantada em cerimônias de despedida. Em um cenário de destruição, música folclórica andina e melodias em quéchua são sobrepostas a transmissões de rádio, diálogos e ruídos, criando uma narrativa fragmentada que rememora aqueles que não sobreviveram ao conflito.

8. LEOPOLDO MÉNDEZ

Cidade do México, 1902 – 1969

Maestro tú estás solo contra las guardias blancas asesinas..., 1938

Tradução: Professor, você está sozinho contra as guardas brancas assassinas…

Impressão tipográfica direta – Museo Nacional de Arte, INBAL, Cidade do México

Produzida no contexto das lutas sociais que marcaram o México pós-revolucionário, a imagem faz referência à violência exercida pelas chamadas guardas brancas — grupos armados

frequentemente associados à defesa dos interesses de proprietários rurais e à repressão de movimentos camponeses. Durante as campanhas de alfabetização e de educação socialista promovidas após a Revolução Mexicana, professores rurais tornaram-se agentes de transformação social e passaram a ser alvo de grupos contrários às reformas radicais. Ao representar o professor com uma cadeira, objeto associado ao espaço escolar, Méndez contrapõe a força da educação à violência das guardas brancas, afirmando a imagem impressa como instrumento de luta política.

9. LEON HIRSZMAN

Rio de Janeiro, 1937 – 1987

ABC da greve, 1979-1990

Filme, cor, som, 84’ – Acervo Leon Hirszman, São Paulo

No final da década de 1970, as greves dos metalúrgicos do ABC paulista transformaram a vida política da região ao colocar os trabalhadores como uma nova força de mobilização coletiva em meio à ditadura militar. Em *ABC da greve*, Leon Hirszman acompanha essas paralisações, registrando assembleias, manifestações e negociações que

marcaram a emergência de um movimento sindical organizado e independente. Ao documentar aqueles que participaram diretamente da expansão industrial brasileira, o filme evidencia a contradição de uma classe trabalhadora que, embora tenha sustentado o projeto desenvolvimentista do país, passa a questionar as condições sociais e políticas que o estruturavam. Mais do que um registro de uma luta sindical, o filme revela a indústria e a cidade moderna como espaços de disputa, organização e reivindicação por direitos.

10. ASOCIACIÓN DE ARTISTAS POPULARES DE SARHUA

Lima, 1982 – em atividade

Maldecidos, da série *Piraq Causa (¿quién es causante?), 1991*

Tradução: Amaldiçoados, da série *Piraq Causa* (quem é o culpado?)

Acrílica sobre compensado – Museo de Arte de Lima, doação Asociación Con/Vida Popular Arts of the Americas

Maldecidos representa a violência sofrida por camponeses durante o conflito armado do Peru. A obra utiliza o formato das *tablas de Sarhua*, painéis de madeira

tradicionalmente pintados para registrar familiares, cenas cotidianas e relações comunitárias, aqui utilizado para representar a ação militar na zona rural peruana. No canto inferior esquerdo, lê-se, em tradução: – Em diversas comunidades e nos caminhos que levam à cidade — os militares malditos detêm, a golpes de punhos e chutes, os inocentes e indefesos camponeses — em busca dos criminosos destruidores e terroristas enfurecidos — os detidos, sedentos, famintos e à beira da morte — são levados para a cidade para serem julgados por pessoas que não conhecem a vida tradicional de origem inca — este fato gerou ódio e será difícil esquecer a dor.

11. JORGE BODANZKY

São Paulo, 1942, vive em São Paulo

Transamazônica. Cartões fotográficos que fez para vender , circa 1973

Fotografia analógica preto e branco, ampliação sobre papel fotográfico – Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, São Paulo

Construída durante a ditadura militar brasileira, a rodovia Transamazônica é a terceira maior do país, conectando o litoral leste da Paraíba ao extremo oeste do Amazonas. A estrada foi promovida a instrumento de integração nacional e de

modernização, no entanto, também funcionou como mecanismo do extrativismo e da ocupação territorial, permitindo que a exploração econômica se expandisse para vastas áreas da Amazônia. Nas imagens de Bodanzky, a infraestrutura torna-se, ao mesmo tempo, um símbolo e um instrumento do poder desenvolvimentista.

12. DORIS SALCEDO

Bogotá, 1958, vive em Bogotá

Camisas Blancas, 1991 – 1993

Tradução: Camisas brancas 1991/1993

27 camisas de tecido, gesso e barras de metal – Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins, São Paulo

Em *Camisas Blancas*, Doris Salcedo parte do massacre de trabalhadores de duas plantações de banana na região de Urabá, na Colômbia, em 1988. A artista toma como referência o gesto dos familiares dos mortos, que lavavam, dobravam

e guardavam suas camisas na esperança de que retornassem. Endurecidas com gesso, empilhadas e atravessadas por barras de metal, as roupas evocam os corpos ausentes e o gesto cotidiano de cuidado, expondo as reverberações, nas esferas pública e privada, da violência perpetrada contra trabalhadores que sustentam as atividades fundamentais para a economia de um país, como a produção de bananas na Colômbia.

13. SEBA CALFUQUEO

Santiago, Chile, 1991, vive em Santiago

Historias Coloniales de Chile, Gustave Verniory, creador del viaducto Malleco y ladrón de piezas Mapuche llevadas a Europa, 2023

Tradução: Histórias Coloniais do Chile: Gustave Verniory, criador do viaduto Malleco e ladrão de peças Mapuches levadas para a Europa

Acrílica sobre tela – Cortesia da artista e Galeria Marília Razuk, São Paulo

O projeto estatal chileno de ocupação e incorporação da Araucanía, território

ancestral mapuche, foi acompanhado da expansão da rede ferroviária para favorecer a integração da região à economia nacional. O Viaduto do Malleco, inaugurado em 1890 e então uma das maiores estruturas ferroviárias do mundo, é um dos símbolos do projeto de modernização e integração territorial promovido pelo Estado chileno. Nesse contexto, o engenheiro belga Gustave Verniory, que participou da construção de alguns trechos, reuniu e transportou ilegalmente para a Europa objetos mapuche encontrados durante esse processo.

A obra, ao explicitar em seu título a contradição entre modernização e violência

colonial, desloca a narrativa celebratória do progresso para revelar as relações de poder que a sustentaram.

14. DJANIRA DA MOTTA E SILVA

Avaré, São Paulo, 1914 – 1979, Rio de Janeiro

Trabalhadores de cal, 1974

Óleo sobre tela – Museu Nacional de Belas Artes, Instituto Brasileiro de Museus, Ministério da Cultura, Rio de Janeiro

Durante a ditadura militar, a expansão urbana e os grandes projetos de infraestrutura impulsionaram a produção de cal, material fundamental para a construção civil, utilizado na preparação de argamassas e revestimentos. Na obra,

Djanira desloca o olhar das imagens oficiais do desenvolvimento, frequentemente direcionadas aos seus resultados, para os trabalhadores que sustentavam esse processo. Ao representar os operários dessa indústria, a artista destaca a dimensão material e humana do projeto modernizador brasileiro e tensiona a lógica propagandista desse projeto.

Descrição da obra em áudio e Libras

15. LOLA ÁLVAREZ BRAVO

Lagos de Moreno, México, 1903 – 1993, Cidade do México

Hilados del Norte II, circa 1944

Tradução: Fios do Norte II

Impressão sobre vinil – Center for Creative Photography, The University of Arizona Foundation, Tucson, Estados Unidos

Hilados del Norte II foi produzida em um contexto mexicano no qual a industrialização ainda se mostrava um horizonte de possibilidades. Por meio da fotomontagem, Álvarez Bravo combinou maquinário, crescimento urbano e

transportes em um campo visual dinâmico, animado pelo otimismo em relação ao progresso tecnológico. A máquina torna-se então um símbolo da aceleração e da transformação, incorporando a promessa de que a modernização poderia remodelar tanto a sociedade quanto sua vida cotidiana.

LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA

AGOSTINHO BATISTA DE FREITAS

Vista de São Paulo, 1970

Óleo sobre tela – Coleção Eugênia Gorini Esmeraldo e Francisco de Assis Esmeraldo, São Paulo

ALESSANDRO BALTEO-YAZBECK

2 corrupted files from page 5, da série La Vega, Plan Caracas No. 1, 1974-1976, 2006-08

Tradução: 2 arquivos corrompidos da página 5

2 corrupted files from page 18, da série La Vega, Plan Caracas No. 1, 1974-1976, 2006-08

Tradução: 2 arquivos corrompidos da página 18

C-print – Galeria Luisa Strina, São Paulo

ALEXANDER APÓSTOL

Contrato colectivo cromosaturado, 2012

Videoinstalação em três canais, 45" –

Cortesia do artista e mor charpentier,

Bogotá, Paris

ANA MERCEDES HOYOS

Paisaje, 1968

Tradução: Paisagem

Óleo, madeira e eletricidade – Museo de

Arte Moderno de Bogotá

ASOCIACIÓN DE ARTISTAS POPULARES DE SARHUA

Maldecidos, de la serie Piraq Causa (¿quién es causante?), 1991

Tradução: Amaldiçoados, da série Piraq Causa (quem é o culpado?)

Acrílica sobre compensado – Museo de Arte de Lima, doação Asociación Con/Vida Popular Arts of the Americas

CARLOS RAQUEL RIVERA

Pobreza – portafolio La estampa puertorriqueña, Centro de Arte Puertorriqueño, 1951

Tradução: Pobreza – coleção La estampa puertorriqueña, Centro de Arte Porto-riquenho

Linografia – El Museo del Barrio, Nova York

CLARA IANNI

Forma livre – Brasília –, 2013

Videoinstalação em dois canais, som, 7'14"

– Cortesia da artista e Galeria Vermelho, São Paulo

CLAUDIA ANDUJAR

Sem título, da série Rua Direita, 1970

Impressão com tinta pigmentada mineral sobre papel algodão – Cortesia da artista e Galeria Vermelho, São Paulo

CLAUDIA MARTÍNEZ GARAY

Ayataki, 2022-23

Tradução: Canção para os mortos

Animação em vídeo e som, 14’40’’ – Cortesia da artista e Grimm, Amsterdã, Londres, Nova York – Comissionado e coproduzido por Artpace San Antonio and Denver Art Museum, Estados Unidos

DAMIÁN ORTEGA

Utopía azul: when Popova meets La Máquina III, da série Utopía mexicana, 2019

Tradução: Utopia azul: quando Popova encontra La Máquina III

Papel kraft e saco de cimento recortado – Coleção particular, Cidade do México

DETANICO LAIN

Utopia, 2007

Impressão offset – Cortesia dos artistas e Galeria Vermelho, São Paulo

DJANIRA DA MOTTA E SILVA

Trabalhadores de cal, 1974

Óleo sobre tela – Museu Nacional de Belas Artes, Instituto Brasileiro de Museus, Ministério da Cultura, Rio de Janeiro

DORA LONGO BAHIA

Niemeyer, da série Comunismo concreto, 2023

Óleo e bastão de óleo sobre madeira – Coleção Sérgio Renault e Junio Oliveira, São Paulo

DORIS SALCEDO

Camisas Blancas, 1991/1993

Tradução: Camisas brancas

27 camisas de tecido, gesso e barras de metal – Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins, São Paulo

FRANCIS ALŸS

Sem título, 1998

Fotografia, óleo e lápis sobre papel, e esmalte sobre alumínio – Colección Jumex, México

GABRIEL SIERRA

Telhado Rebelde, 2025

Telhas de terracota, vidro, madeira e ferragens – Cortesia do artista e Galeria Luisa Strina, São Paulo

JOAQUÍN TORRES GARCÍA

Ciudad con puente y puerto constructivo, 1942

Tradução: Cidade com ponte e porto construtivo

Óleo sobre papelão sobre madeira – Coleção particular, cortesia Galeria Sur, Punta del Este, Uruguai

JORGE BODANZKY

Transamazônica. Cartões fotográficos que fez para vender, circa 1973

Fotografia analógica preto e branco, ampliação sobre papel fotográfico – Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, São Paulo

JUAN ARAUJO

Brazil Unbuilds, 2009

Tradução: Desconstrução brasileira

Livro – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Centro de Pesquisa

JUAN O'GORMAN

La Ciudad de México, 1949

Tradução: A Cidade do México

Têmpera sobre masonite – Museo de Arte Moderno, INBAL, Cidade do México

LEÓN FERRARI

Planta, 1980

Nanquim sobre papel vegetal – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista, 1991, MASP.05004

LEON HIRSZMAN

ABC da greve, 1979-1990

Filme, cor, som, 84’ – Acervo Leon Hirszman, São Paulo

LEOPOLDO MÉNDEZ

Maestro tú estás solo contra las guardias blancas asesinas..., 1938

Tradução: Professor, você está sozinho contra as guardas brancas assassinas…

Impressão tipográfica direta – Museo Nacional de Arte, INBAL, Cidade do México

LOLA ÁLVAREZ BRAVO

Hilados del Norte II, circa 1944

Tradução: Fios do Norte II

Impressão sobre vinil – Center for Creative Photography, The University of Arizona Foundation, Tucson, Estados Unidos

LUCIO COSTA

Croquis, plano piloto para Brasília, 1957

Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão – Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília

MARCEL GAUTHEROT

Esplanada dos Ministérios em construção, 1959

Congresso Nacional em construção, 1959

Esplanada dos Ministérios em construção, 1959

Ministérios em construção, 1959

Moradia na Sacolândia, arredores de Brasília, 1959

Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão – Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, São Paulo

MARCELO CIDADE

Intramuros, 2005

Tijolos de cimento e cacos de vidro – Cortesia do artista e Galeria Vermelho, São Paulo

MARIANA CASTILLO DEBALL

Nuremberg Map of Tenochtitlán, 2014

Tradução: Mapa de Tenochtitlán de Nuremberg

Piso em madeira com folha natural de ébano laminada e impressão UV sobre madeira – Cortesia da artista e

kurimanzutto, Cidade do México, Nova York

MAURICIO LUPINI

Diorama Penetrable (Villanueva), 2026

Tradução: Diorama penetrável (Villanueva)

Páginas recortadas e coladas de três livros sobre o arquiteto Carlos Raúl Villanueva, de Sybil Moholy-Nagy – 1964 – Coleção do artista, Roma

Amarillo Nacional, 2006

Tradução: Amarelo nacional

Película adesiva sobre piso – Coleção do artista, Roma

PANCHO V.

Trabajadores, 1939

Tradução: Trabalhadores

Linóleo – Museo Nacional de Arte, INBAL, Cidade do México

PAULO PEDRO LEAL

Estado maior, 1952

Óleo sobre tela – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Rafael Moraes no contexto da exposição Histórias latino-americanas, 2026, MASP.11897

RUBÉN RIVERA APONTE

Obreros – portafolio La estampa puertorriqueña, Centro de Arte Puertorriqueño –, 1951

Tradução: Trabalhadores – coleção La estampa puertorriqueña, Centro de Arte Porto-riquenho

Linografia – El Museo del Barrio, Nova York

SEBA CALFUQUEO

Historias Coloniales de Chile, Gustave Verniory, creador del viaducto Malleco y ladrón de piezas Mapuche llevadas a Europa, 2023

Tradução: Histórias Coloniais do Chile: Gustave Verniory, criador do viaduto Malleco e ladrão de peças Mapuches levadas para a Europa

Acrílica sobre tela – Cortesia da artista e Galeria Marília Razuk, São Paulo

XUL SOLAR

Ascensión por las rocas, 1950

Tradução: Subida pelas rochas

Têmpera e tinta sobre papel colado em cartolina – Coleção particular, cortesia Galería Sur, Punta del Este, Uruguai